

HVMANITAS

[Recensão a] M. L. Clarke - Greek Studies in England (1700-1830)

Autor(es): Marques, F. Costa

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/26119>

Accessed : 26-May-2019 04:25:56

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

nado sobretudo pela matéria amorosa, — verdadeiro tipo da mentalidade pagã, sequioso dos prazeres proporcionados pela loura Afrodite, obcecado, porém, de modo permanente, pelo quadro angustiante da fugacidade desses gozos.

É este o conteúdo do primeiro volume da obra sobre os elegíacos da Grécia que nos dão Vittorio De Falco e Aluízio de Faria Coimbra.

Antes de concluir esta recensão, quero ainda referir-me a alguns por menores vocabulares. Os nomes gregos, como os latinos, estão, no geral, bem reproduzidos em português. Algumas formas, como por exemplo *Solão*, podem todavia chocar-nos, pelo seu aspecto desagradável e fora dos hábitos da língua portuguesa contemporânea no que concerne a tais nomes. Palavras há que se me afiguram menos justificáveis: *Clitemestra*, *Erinas*... Porque não *Clitemnestra* e *Erínies*, como as formas gregas Κλυταιμνήστρα (1) e Ἐρινύες pressupõem? Em vez de *catalexis*, considerada como plural, acho preferível o emprego do plural helénico *cataléxeis* (καταλήξεις) ou o aportuguesamento *catalexes*. Leio *Amorgos*, *Ceos*, *Teos*, *Quios*, *Paros*, etc. : *Amorgo*, *Ceo*, etc., são mais conformes à evolução normal para o português das palavras greco-latinas de tema em o. Encontro também um verbo *exceler*, entroncado correctamente no latim *excellere*, porém de uso raríssimo no português.

Semelhantes discrepâncias, lexicais ou de outra natureza, não impedem que aguardemos com interesse a continuação desta excelente obra. E sirva-nos um livro como este de estímulo para prosseguirmos, sem esmorecimentos, na campanha em prol de uma escola portuguesa de filologia clássica, cujo auspicioso alvorecer não tardará decerto.

FELISBERTO MARTINS

M. L. Clarke—*Greek Studies in England* (1700-1830). Cambridge. At the University Press, 1945, 255 pp.

Como o título da obra indica, estamos perante uma resenha histórica da actividade e da cultura helénica inglesas, no período que vai do princípio do século XVIII ao segundo quartel do século XIX, e que abrange, na opinião de Housman, a idade de ouro da instrução pública em Inglaterra.

Com ela se procura mostrar, em quinze capítulos cuidadosamente ordenados e documentados com abundância convincente, qual o grau de perfeição que os estudos helénicos atingiram nesse período, qual a sua

(1) Embora exista uma antiga forma Κλυταιμνήστρα (relacionada com τῆλαοτΜει), cumpre-nos preferir Κλυταιμνήστρα, que é a forma clássica (relacionada com κλύου,αι). Por outro lado, *Clitemnestra* tem maior difusão em português.

evolução, e de que modo, através das suas figuras mais marcantes, como Bentley e Porson, se foram orientando no sentido das novas inclinações sociais ou dos novos caminhos de investigação científica.

Os estudos helénicos deixam de ser primordialmente postos ao serviço da teologia, que deles se utilizara na discussão de pontos controvertidos da Bíblia, e passam a ter importância por eles próprios, ou como ornamento social de cultura necessário para cargos e promoções a novos cargos, ou para satisfazer necessidades de informação técnica, como, por exemplo, as da ciência médica do tempo.

As traduções de autores gregos não eram forma pouco rendosa das actividades editoriais. Por sua vez, a *nobility and gentry* do século xviii, dado que o latim era língua vulgarmente conhecida, encontrava nos estudos do grego um elemento de bom timbre social, e muito do estilo da sua vida, dos seus hábitos políticos e maneiras de pensar era influenciado pelo conhecimento e visão do mundo antigo. A Câmara dos Comuns ressoava muitas vezes com os acentos da eloquência de Demóstenes. O jovem Pitt lera a maior parte dos clássicos com o seu mestre, em Cambridge. E a voz da aristocracia e dos homens de Estado revelava o mesmo interesse pela literatura grega e latina, onde, na frase de William Pitt a seu sobrinho Thomas, aparecia a virtude *in its true signification*.

É certo que o helenismo destes homens, nos princípios do século xviii, era limitado, e revelava uma visão simplificada do mundo antigo. Mas, no fim desse mesmo século, o conhecimento da Grécia, graças ao trabalho de crítica das escolas, ao labor dos arqueólogos e à visão dos homens de letras, era maior e mais justo, e um novo Renascimento, desta vez da Grécia e não principalmente da Itália, atingia a sua floração.

Para nos documentar tudo isto, para nos fazer assistir aos efeitos sociais do ensino do grego nas escolas e nas universidades, para nos mostrar quanto a história, a filosofia, a poesia e o drama, a arqueologia e a arquitectura helénicas alimentavam ou condicionavam o labor mental da Inglaterra neste período, o autor não podia deixar de ser obrigado a cuidadosa informação bibliográfica relativa a escolas, programas, edições, traduções e estudos originais desse mesmo período.

Mas não podia ficar por aí, evidentemente. Era necessário mostrar que os estudos helénicos se não haviam confinado aos trabalhos filológicos e a um criticismo verbal que ignorasse o gosto e a beleza das composições literárias. Por isso mesmo, num campo e noutro, ao sujeitar a sua matéria a cuidadoso exame, o autor parece ter tomado para si aquele mesmo sentido do rigor que Porson estabelecera para a correcção dos textos: *Nihil contemnendum est neque in bello neque in re critica*.

É isto que dá à sua obra um tom de segurança natural, criador de convicção da parte de quem o lê. E, apesar da aridez da matéria, a expressão é fácil e concisa, sobria e clara, entremeada por vezes de reflexões, que mostram quanto o autor tem consciência da importância dos problemas que historia, e do valor relativo de cada um deles.

Ao mesmo tempo, faz-nos assistir à evolução do interesse que os estudos helénicos alimentavam. E assim, ao passo que, inicialmente, o

estudo de Homero estava relacionado com os estudos bíblicos, a crença de que a literatura grega tivera origem hebraica vai desaparecendo, e Homero passa a ser comparado, não com a Bíblia ou com Virgílio, mas com Ossian e com outros poetas de diferente tradição. Ia-se entendendo que os grandes assuntos da natureza eram comuns a todos os poetas.

E, em 1773, Macpherson publicava uma tradução da Iliada escrita no estilo dos poemas ossiânicos, numa espécie de prosa rítmica.

Deste modo sentimos a influência que o romantismo literário nascente trazia aos próprios estudos clássicos e, por outro lado, assistimos igualmente ao aumento do interesse pelos historiadores e filósofos gregos, e não só pelos poetas e dramaturgos. Ao sentimento inglês de liberdade e de patriotismo importava reconhecer na vida heróica da Grécia antiga e nos seus pensadores a existência de iguais ou de similares sentimentos.

Esta obra de M. L. Clarke, tão laboriosamente organizada e com tão meditada informação, não é pois somente uma útil monografia para a história da educação clássica na Europa. Não dá apenas, a quantos ignoram ou mal conhecem a história da vida mental inglesa, um quadro bastante completo de um dos sectores mais importantes da sua cultura. Faz-nos sentir também a lenta evolução dos interesses ideológicos e afectivos da Inglaterra, e, sem deixar de satisfazer fundamentalmente aos propósitos exarados no seu título, ilumina, incidentalmente, outros campos da vida inglesa.

Eis duas razões suficientes, segundo cremos, para louvarmos e aplaudirmos o seu autor.

F. Costa Marques

François de Dainville, S. J. — *La naissance de V. humanisme moderne*. T. i, xx-3go pp. Paris, Beauchesne et ses fils, éditeurs, 1940 — *La géographie des humanistes*, xviii-562 pp. Paris, Beauchesne et ses fils, éditeurs, 1940.

Com estes dois estudos apresentou-se o autor ao doutoramento na Faculdade de Letras de Mompilher. Sobre assuntos diferentes, um serve, contudo, de complemento ao outro, e daí o mesmo título que os encima: «Les jésuites et l'éducation de la société française». Em ambos é preciso reconhecer a seriedade de trabalho do autor. A informação bibliográfica é rica e ao corrente das mais recentes publicações. A investigação sobre fontes inéditas conservadas em bibliotecas e arquivos franceses, principalmente, foi feita em profundidade. A bibliografia portuguesa relacionada com esta matéria está, porém, ausente; e sem dúvida que os trabalhos, v. g., de Teófilo Braga, A. J. Teixeira, P.º Francisco Rodrigues, P.º Serafim Leite e Dr. Mário Brandão seriam contributo valioso.